

ENTREVISTA CONCEDIDA AO ESCRITOR FLÁVIO IZHAKI

Realizada em 21.VII.08

A PROPÓSITO DE *RETRATO DESNATURAL*

(*diários – 2004 a 2007*)

Evando Nascimento

Renomado professor universitário, autor de títulos de não ficção nas áreas de Filosofia, Literatura e Artes, Evando Nascimento lançou em agosto, pela Editora Record, seu primeiro livro como ficcionista, *Retrato desnatural*. A definição é do próprio autor, que recorreu a chancela para o estranhamento que o subtítulo, *Diários – 2004 a 2007*, provoca ao vir junto com a palavra ficção. Apesar do subtítulo diários, e da aparente organização cronológica de boa parte do livro, o texto é de fato ficcional. O volume apresenta poemas, contos, crônicas e outras formas textuais. “Um diário, em princípio, deve ser publicado tal como foi transcrito a partir da anotação original. Foi aí que entrou a imaginação do escritor. Em vez de reproduzir os textos tais como eles emergiram, me propus a tarefa sem fim de reescrevê-los. Ou seja, transformei o diário em literatura, coisa que até certo ponto ele já é, mas só até certo ponto. E ao reescrever fui alterando os fatos vividos, dando-lhes forma de ficção e/ou de poesia”, explica o autor.

FLÁVIO IZHAKI – Datar poemas e organizá-los em livro quase cronologicamente: por quê?

EVANDO NASCIMENTO – A função das datas é marcar o momento em que os textos foram escritos, já que a proposta geral do livro é ser um pretense “diário”. Digo pretense porque na verdade todos os gêneros estão sendo, de um modo ou de outro, postos em questão, inclusive esse grande gênero no limite entre a ficção e a não ficção, que é o *diário íntimo*. As datas deveriam, portanto, ser compreendidas dentro do jogo ficcional e não apenas como recurso cronológico externo. O fato de colocar muitos textos fora de uma linha progressiva no tempo talvez indique que o mais importante no volume seja o

valor dos temas e das formas e não a temporalidade factual, que muitas vezes pode ter sido inventada, mas muitas vezes não. Cabe ao leitor descobrir o que é falso ou verdadeiro nesse espacitempo da ficção.

FI – Alguns autores que transitam entre prosa e poesia, como é o seu caso, costumam dizer que cada sentimento pede uma forma artística. O que acha dessa afirmação?

EN – Não acredito que se trate apenas de sentimento, pois inúmeros outros fatores contam igualmente no processo criativo: vivências pessoais, fatos do momento, acontecimentos históricos, leitura de obras literárias e não literárias etc. Em meu caso, cada texto foi se fazendo de modo relativamente espontâneo, e eu deixei que eles emergissem tal como surgiam. Depois é que veio o processo de depuração de cada escrito numa forma específica. Poucos permaneceram com o formato da primeira versão; em todo caso, o trabalho de reescrita para mim é infinito. O bom de publicar é que, ao menos por algum tempo, a pessoa se libera daqueles textos, ou seja, para de reescrevê-los. Até o instante final, o momento de dar o imprima-se, pode-se ter a tentação de mudar alguma coisa, por vezes de maneira radical. Isso aconteceu com o *Retrato desnatural*: dois trechos foram suprimidos na penúltima prova, por motivos que seriam difíceis de explicar em poucas palavras. Quanto à relação entre poesia e prosa, não as penso como discursos estanques. Ao contrário, busco sempre “ouvir” a poesia que está contida em toda prosa, assim como tento captar o aspecto de prosa, até no sentido de *conversa*, que se encontra na melhor poesia. Em muitos dos escritos não sabia exatamente, e não sei até hoje, se estava escrevendo poesia ou prosa, no valor convencional dos termos. O que me importa é que, embora consiga evidentemente perceber certas distinções, não concebo uma sem a outra. A aposta foi de, mais ou menos intuitivamente, reinventar o *poema em prosa* de Charles Baudelaire, porém fazendo algo diferente do que ele fez, em pleno século XXI. Não cabe a mim, todavia, afirmar que obtive êxito.

FI – Na série “Respirações” você dicionariza certas palavras de maneira poética: qual a intenção desse exercício artístico?

EN – Guimarães Rosa disse, na famosa entrevista a Günter Lorenz, que seu sonho seria um dia escrever um dicionário. Acho o dicionário um livro extremamente poético: por definição, toda a língua está ali! Todas as palavras se encontram “em estado de dicionário”, para utilizar uma conhecida expressão em verso de Drummond. Ao mesmo tempo, o léxico é um livro extremamente impessoal, em estilo neutro, quase sem assinatura. O que fiz, creio, foi tentar fazer um glossário poético e ficcional que destacasse diversas palavras e lhes fosse atribuindo novos sentidos. Digamos que partia sempre do sentido original, *dicionarizado*, dos termos, para em seguida lhes imprimir outras significações, não dicionarizadas. Cada item, *entrada* ou *verbete* de meu dicionário pessoal tem a ver com alguma circunstância que eu estava vivenciando literária ou existencialmente naquele momento, naquela data. Em muitos casos é difícil saber se foi a palavra que levou à criação do texto ou se foi a situação vivida que determinou a escolha dessa ou daquela palavra.

FI – Você enxerga similaridades entre seu labor como poeta e outros da geração atual ou passada? Não apenas na forma – por exemplo, o recurso ao verso livre –, como também na temática?

EN – Em primeiro lugar, gostaria de dizer que não me considero “poeta” no sentido estrito da classificação. Decerto muitos textos do livro se enquadram no gênero poesia, mas os versos (livres ou não, metrificados ou rimados etc.) constituem apenas um aspecto. Outros gêneros tomam parte igualmente da obra: há pequenos contos, microensaios literários, emails, diálogos curtos e, *last but not least*, anotações de diário. O livro como um todo tenta harmonizar esses gêneros e formas, sem cair numa miscelânea disforme. O poeta e filósofo Antonio Cicero compreendeu muito bem isso, na densa orelha que escreveu, ao falar da “unidade profunda” da obra. Parece-me que a novidade do livro, se ele tem alguma, é poder juntar todos os gêneros imagináveis sob a rubrica de *diários*, como bem explicita o subtítulo: *Diários - 2004 a 2007*. Sendo assim, a comparação com outros poetas, aqueles que fazem poesia no sentido usual, me parece no mínimo complexa. Não digo que o que fiz é melhor, não

tenho em absoluto essa pretensão; mas tenho muitas dúvidas quanto ao enquadramento como poeta. Se é preciso propor algum rótulo, coisa de que não estou certo, reivindicaria muito mais o de *ficcionista* – foi por isso que solicitei que colocassem a palavra *ficção* na capa e na folha de rosto. Penso mesmo que a estrutura geral tem algo de romance, mas isso já é outra história...

FI – Você levanta um problema de que o diário seria o livro dos gêneros. Poderia falar disso?

EN – Como disse na resposta anterior, para mim o diário é um gênero clássico que, se recriado de maneira adequada, pode incluir diversos gêneros. É possível colocar qualquer coisa num diário, como, aliás, bem demonstram os blogs de hoje. É essa abertura inventiva da forma-diário que me fascina. Por outro lado, existe uma regra no diário tradicional que é a de ele nunca ou quase nunca ser reescrito. Um diário, em princípio, deve ser publicado tal como foi transcrito a partir da anotação original. Foi aí que entrou a imaginação do escritor. Em vez de reproduzir os textos tais como eles emergiram, me propus a tarefa sem fim de reescrevê-los. Ou seja, transformei o diário em literatura, coisa que até certo ponto ele já é enquanto gênero convencional, mas só até certo ponto. Faz parte do jogo literário como o entendo a necessidade de reescrita. E ao reescrever fui alterando os fatos vividos, dando-lhes forma de ficção e/ou de poesia e inserindo o que nunca aconteceu. Assim, penso que não se deveria encarar o livro como a transcrição objetiva de histórias pessoais, mas sim a reinvenção permanente de relatos reais e inventados. O componente, de uma só vez, autobiográfico e ficcionalizado me parece nesse caso muito forte. Aqui aproveito para citar Cecília Meireles que, não sem alguma ironia, é uma das referências do livro; diz ela: “A vida só é possível reinventada” – lindo, não? A ironia com Cecília (poeta que amo, mas que fez uma poesia muito diferente da que me interessaria fazer, pois ainda estava muito ligada ao simbolismo e ao impressionismo do século XIX) começa no título: um de seus livros mais famosos se chama *Retrato natural*. Digamos que eu tentei “desnaturar” o “autorretrato” de Cecília, procurando lhe dar uma feição

mais contemporânea, menos tradicional. Mais uma vez, o êxito, não cabe a mim julgar.

FI – Como é fazer a transição daquele que ensina literatura para aquele que escreve literatura? Como foi o seu caso? O autor sempre existiu?

EN – Começo pela última das três questões: sim, o autor sempre existiu. Lembro de ter escrito meu primeiro poema aos 8 anos de idade; era uma bobagenzinha, mas já tinha forma de versos e certamente imitava os poetas românticos, que eu lia e recitava na escola primária. Depois, escrevi um romance chamado *Aberração* (curiosamente o mesmo título de um livro de Bernardo Carvalho, como vim a descobrir recentemente) aos 14 anos, numa Olivetti Lettera de meu pai. Claro que era um livrinho fraco, inspirado pelo que lembro nas leituras que fazia na época, em torno de Jorge Amado e de Érico Veríssimo, entre outros. Durante toda a adolescência escrevia e desenhava com grande prazer, chegando a fazer histórias em quadrinhos bastante toscas. Parei um pouco quando entrei para o curso de Letras. Porém, durante o mestrado na PUC-Rio, escrevi diversos contos, a maior parte até hoje inéditos – alguns até se perderam, em razão das muitas mudanças que fiz. Só publiquei dois poemas na extinta e belíssima revista *34Letras* (que daria origem à Editora 34) e um miniconto na revista *Matraga*, da UERJ. Continuei escrevendo mas sem publicar, nem organizar um livro com essa finalidade – tenho portanto um vasto material inédito. Até que em 2004 me dediquei a escrever uma *ficção poética* sob forma de diários. Não houve um projeto original, os textos foram surgindo e eu apenas os “autopsicografei”, para lembrar um dos mais belos e ficcionais poemas de Fernando Pessoa. A segunda etapa foi a de refazê-los exaustivamente, dar uma ordem, encontrar intertítulos e tudo o mais.

Respondendo então às duas outras perguntas: não houve propriamente transição de uma atividade a outra, elas sempre coexistiram na mesma pessoa. Quando criança, eu gostava de brincar de professor de desenho com meus primos e, ao mesmo tempo, lia, escrevia e desenhava. Só que, por levar tanto tempo para publicar, o lado professor e ensaísta acabou vindo mais a público. Daí que muita gente ficava surpresa (e fica ainda) quando dizia que estava escrevendo um livro de criação literária, mas isso é muito compreensível.

Espero que esse e outros livros futuros tornem os dois lados, o do ensaísta-professor e o do escritor, igualmente conhecidos e sem conflitos. Meu sonho seria um dia, daqui a vinte anos talvez, chegar a constituir uma obra de dupla face. Tal como a folha de papel, essas duas faces seriam distintas, verso e anverso, porém inseparáveis. Em outras palavras, ficção e ensaio são as duas motrizes de meu trabalho, diferentes mas em diversos momentos intercambiáveis.

FI – Foi mais difícil escrever depois de acumular tanto conhecimento teórico sobre o assunto?

EN – A resposta anterior já esclarece essa pergunta. Eu não escrevi *depois* de estudar, pesquisar e dar aulas sobre literatura, mas simultaneamente. O único cuidado que tive e continuo a ter foi o de não deixar o lado professoral e teórico influenciar demais na escrita literária. Mas eu diria também que, por outro lado, o conhecimento de literatura me ajudou a resolver muitas das questões inventivas que foram surgindo, de maneira muitas vezes inconsciente. Todavia, não há sobretudo aplicação nenhuma de teoria na realização da obra. Tenho a impressão de que as duas esferas, como acabei de dizer, a teórica-crítica e a inventiva, convivem muito bem e se alimentam mutuamente, mas sem nada exigir uma da outra. Quem poderá comprovar isso certamente são os leitores, por isso lhes dedico também o livro, com todo o afeto.

Esta entrevista se encontra igualmente no site da Editora Record:

http://www.record.com.br/autor_entrevista.asp?id_autor=266&id_entrevista=217